





A black and white photograph of a town, likely Cinzas, viewed from a distance. The town features a prominent church with two bell towers. In the background, a range of mountains is visible under a cloudy sky. The foreground is dominated by the dark, silhouetted branches of bare trees. A stone wall is visible at the very bottom of the frame.

CINZAS



GRAZIA DELEDDA

~ PRÉMIO NOBEL ~

# CINZAS



TRADUÇÃO

GRAZIELLA SAVIOTTI



**Sibila**  
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2018

Título: **Cinzas**

Título original: *Cenere*

Autora: Grazia Deledda

Tradução (1946): Graziella Saviotti

Edição original: Nuova Antologia. Roma, 1904

Sibila Publicações

[www.sibila.pt](http://www.sibila.pt)

[www.facebook.com/sibilapublic](https://www.facebook.com/sibilapublic)

[www.twitter.com/sibilapublic](https://www.twitter.com/sibilapublic)

Este livro pertence à Coleção Mulheres de Palavra®

© 2018 Sibila Publicações

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

*Design*, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão do texto e da tradução: Inês Pedrosa

Imagem de capa: Gari Melchers (EUA, 1860-1932), *Mother and Child*, óleo sobre tela, 1906 (pintado na Holanda, em 1905). Art Institute of Chicago.

Fotografia da autora: Dosio & Co., 1905. Coleção Fundo Deledda.

© Sardegna Digital Library.

Fotografia pp. 2 e 3: Guido Costa, *Nuoro, panorama da cidade com o monte Orthobene ao fundo*. Primeira década do século xx. © ISRE

1.<sup>a</sup> edição: Setembro de 2018

ISBN: 978-989-99946-6-9

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

**Nas Tuas Mãos Unip. Lda.**

Apartado 014081

EC Cinco de Outubro

1064-000 Lisboa

*E-mail*: [admin@inespedrosa.com](mailto:admin@inespedrosa.com)

Esta publicação foi co-financiada por:



Istituto  
Superiore  
Regionale  
Etnografico

Patrimonio Culturale Sardegna

---

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

## ÍNDICE

Primeira parte .....	9
I .....	11
II .....	27
III .....	45
IV .....	55
V .....	73
VI .....	83
VII .....	97
VIII .....	117
Segunda parte .....	129
I .....	131
II .....	139
III .....	145
IV .....	153
V .....	159
VI .....	165
VII .....	185
VIII .....	201
IX .....	229
Notas .....	239
Nota editorial .....	241
A autora   Nota biográfica .....	245
A tradutora   Nota biográfica .....	251





PRIMEIRA PARTE



Página anterior:

Rebanho de ovelhas à volta de um *nuraghe*, Sardenha.

Foto de Gabriele Maltinti.

# I



CÁIA A NOITE DE SÃO JOÃO. Oli<sup>1</sup> saiu da casa branca do cantoneiro, à borda da estrada que vai de Nuoro até Mamojada, e dirigiu-se para os campos. Era uma rapariga de quinze anos, alta e bonita, com dois grandes olhos felinos, azulados e um tanto oblíquos, e a boca voluptuosa, cujo lábio inferior, sulcado ao meio, parecia composto por duas cerejas. Da touquinha vermelha, atada debaixo do queixo saliente, saíam duas madeixas de luzídios cabelos pretos, retorcidos em volta das orelhas. Este penteado e o traje pitoresco, de saia vermelha e casaquinho de brocado com duas pontas recurvas que levantava os seios, davam à rapariga uma graça oriental. Entre os dedos, enfeitados de anezinhos de metal, Oli segurava fitas escarlates, com as quais queria *marcar*<sup>2</sup> *as flores de São João*, isto é, as moitas de verbasco, de tomilho e de margaça, para colher no dia seguinte, de madrugada, e destinadas a remédios e amuletos.

Aliás, Oli pensava que, mesmo que não marcasse as flores que desejava cortar, ninguém as colheria: os campos em volta da casa onde ela vivia com o pai, o cantoneiro, e os irmãos, estavam completamente desertos. Só muito longe, um casal rústico em ruínas emergia dum campo de trigo, como um mouchão num lago

---

<sup>1</sup> Rosalia. (*Nota da Edição italiana*)

<sup>2</sup> *Segnare*, no original. Amarrar as moitas com uma fita para que ninguém as toque. (*N. da E. i.*)

verde. Pela campina, em roda, morria a selvagem Primavera sarda. Desfolhavam-se as flores dos lírios e os cachos dourados da giesta; as rosas empalideciam nos silvados, a relva tornava-se amarela; um cheiro quente a feno perfumava o ar pesado.

A «estrada de São Tiago» e a última claridade do horizonte, envolvido por uma risca esverdeada e rósea, que parecia o mar longínquo, tornavam a noite clara como um crepúsculo. Nas proximidades do rio, cuja água, muito escassa, reflectia as estrelas e o céu roxo, Oli encontrou dois dos seus irmãozinhos, que andavam à caça de grilos.

– Para casa, já! – disse ela, com a sua linda voz ainda infantil.

– Não! – respondeu um dos pequenos.

– Pois então os meninos não verão escancarar-se o céu, esta noite! Os meninos obedientes, na noite de São João, vêem o céu abrir-se, e depois vêem o Paraíso e Nosso Senhor e os Anjos e o Espírito Santo... Mas vocês não verão nada, se não forem já para casa.

– Vamos! – disse um dos dois, pensativo. O outro ainda quis protestar, mas acabou por seguir o irmão.

Oli avançou, para além do rio, além do caminho, além dos grupos de oliveiras: de vez em quando inclinava-se e atava com uma fita esta ou aquela moita; depois levantava-se e sondava a obscuridade, com o olhar agudo dos seus olhos de fera.

O coração pulava-lhe fortemente no peito, de ânsia, de receio e de alegria. A noite fragrante convidava ao amor, e Oli amava. Oli tinha quinze anos e, sob o pretexto de *marcar* as flores de São João, ia para um encontro de amor.

Seis meses antes, numa noite de Inverno, um jovem camponês, jornaleiro dum rico proprietário de Nuoro, a quem pertencia a terra em volta do casebre em ruínas, entrara em sua casa para pedir lume. Era um rapaz alto, de longos cabelos pretos e brilhantes. Os seus olhos, muito negros, quase não se deixavam fitar, de tão luminosos, e só Oli podia encará-los com os seus, que não se baixavam diante de ninguém.

O cantoneiro, homem ainda novo mas de cabelo grisalho, cansado de fadigas, de penas e de miséria, acolheu bondosamente o rapaz, deu-lhe uma pederneira, perguntou-lhe pelo seu amo e convidou-o a voltar sempre que quisesse.

Desde aquele dia, o camponês frequentou com assiduidade

de a casa do cantoneiro. Nas noites de chuva contava histórias aos rapazes, sentados em volta da lareira fumarenta, e ensinou a Oli os sítios onde melhor cresciam os cogumelos e as ervas comestíveis.

Um dia levou a rapariga até as ruínas dum *nuraghe*<sup>3</sup>, sobre uma elevação do terreno, entre moitas cobertas de bagas vermelhas, e disse-lhe que, no meio dos blocos da sepultura gigantesca, estava escondido um tesouro.

– Sei de muitos mais *accusorgios*<sup>4</sup> – disse ele em voz grave, enquanto Oli ia colhendo funchos bravos. – Acabarei por descobrir um, e então...

– Então? – inquiriu Oli, com ar de troça levantando os olhos que, ao reflexo da paisagem, pareciam verdes.

– Então, irei para longe; e, se tu quiseses ir comigo, levar-te-ei para o continente. Eu conheço-o bem, ao continente, pois acabei há pouco o serviço militar. Estive em Roma e depois na Calábria e em mais lugares ainda. Lá, tudo é bonito... Se tu fores...

Oli riu baixinho, lisonjeada e feliz, apesar de um tanto irónica. Atrás do *nuraghe*, dois dos seus irmãozinhos, escondidos entre as moitas, assobiavam para atrair os pássaros. Pela imensidade da paisagem não se ouvia voz humana, não passava ninguém.

O camponês agarrou Oli pela cintura, levantou-a, fechou os olhos e beijou-a; desde aquele dia, os dois jovens amaram-se selvaticamente, espalhando o segredo da sua paixão nos silvados mais silenciosos, nas moitas da margem, nos negros esconderijos dos *nuraghes* solitários.

Oprimida pela solidão e pela miséria, Oli amava o rapaz, por ele representar os objectos e as terras maravilhosas que vira, a cidade onde estivera, o rico patrão que servia, os fantásticos desígnios que ia formando para o futuro; e ele amava Oli porque era linda e ardente. Ambos inconscientes, primitivos, impulsivos e egoístas, amavam-se por exuberância de vida e por necessidade de prazer.

Também a mãe de Oli, pelo que a filha contava, fora uma mulher estranha e ardente.

– Pertencia a uma família abastada – contava Oli – e tinha parentes fidalgos que queriam casá-la com um velho proprietário.

<sup>3</sup> *Nuraghe*: antigos monumentos de origem druidica, existentes na Sardenha, que se julga terem sido originariamente templos ou sepulturas. (*Nota da Tradutora*)

<sup>4</sup> *Accusorgios*: tesouros escondidos. Estas palavras, como algumas que vêm escritas em itálico, pertencem ao dialecto sardo. (*N. da. T.*)

O meu avô, o pai de minha mãe, era poeta. Numa noite improvisava três ou quatro canções, e, tão lindas eram, que, mal um cantor as repetia pelas ruas, todo o povo as aprendia e as repetia com entusiasmo. Ai, sim, o meu avô era um grande poeta! Algumas das suas poesias, também eu as sei, porque minha mãe mas ensinou. Espera, ouve esta...

E recitava umas quadras no dialecto logudorense; depois continuava:

– O irmão de minha mãe, o tio Merzioro Desogos, pintava nas igrejas e entalhava os púlpitos. Matou-se, porque não quis ir para a prisão. Sim, os parentes da minha mãe eram nobres e tinham estudos. Mas não houve meio de ela querer desposar o velho proprietário. Viu o meu pai, que então era belo como uma bandeira, apaixonou-se e fugiu com ele. Ela costumava dizer, lembro-me bem: «O meu pai deserdou-me, mas não me importo; fiquem os outros com as suas riquezas, eu fico com o meu Micheli, e basta!».

Um dia, o cantoneiro foi a Nuoro comprar trigo, e voltou mais triste e abatido que de costume.

– Oli, cuidado, Oli! – disse à filha, ameaçando-a com a mão. – Ai de ti se aquele moço torna a pôr os pés nesta casa! Ele enganou-nos até no nome. Disse chamar-se Quírico, quando se chama Anania. É lá dos de Orgosolo, raça de pastores, parente de bandidos e de tratantes. Cuidado contigo, rapariga, ele tem mulher!

Oli chorou, e as suas lágrimas caíram juntamente com o trigo na arca de madeira preta; mas, logo que esta se fechou e o tio Micheli voltou para o seu trabalho, a rapariga foi à procura do camponês.

– Tu chamas-te Anania! Tu tens mulher! – disse-lhe, e os olhos chispavam de raiva.

Anania acabava de semear trigo, na terra revolvida: dois melros assobiavam, baloiçando-se num ramo de oliveira; grandes nuvens brancas tornavam mais intenso o azul do céu. Tudo era doçura, silêncio e esquecimento.

– Ora! – disse o rapaz, que ainda conservava o saco ao ombro. – Eu tenho uma mulher velha. Deram-ma à força... como os parentes queriam dar à tua mãe o velho proprietário... porque eu sou pobre e ela tem muito dinheiro. Mas que me importa! Ela é velha e morrerá brevemente; nós somos jovens, Oli, e eu quero-te só a ti. Se tu me abandonares, eu morro.

Oli enterneceu-se e acreditou.

– Que vamos fazer, agora? – inquiriu. – O meu pai bate-me, se continuamos a amar-nos.

– Tem paciência, meu cordeirinho! A minha mulher morrerá em breve; mas, ainda que não morra, eu encontrarei o tesouro e iremos para o continente.

Oli protestou, chorou; não acreditou muito no tesouro, mas continuou a namorar o criado.

A sementeira terminara, mas Anania ia muitas vezes para o campo observar se o trigo puxava, e arrancar da seara as ervas daninhas; nas horas de descanso, em vez de se deitar, desfazia o *nuraghe*, sob o pretexto de construir um muro com as pedras tiradas do monumento, mas, na realidade, à procura do tesouro.

– Se não for aqui, será além, mas hei-de encontrá-lo! – dizia a Oli. – Ora bem, em Maras, um criado como eu encontrou um molho de barras de ouro. Ele não percebeu que eram de ouro e entregou-as a um ferreiro. Parvo! Mas comigo o caso é outro...

– Nos *nuraghes* – contava ele, mais tarde – moravam os gigantes, noutros tempos, uns gigantes que usavam talheres de ouro. Até os pregos dos seus sapatos eram de ouro. Ah! Procurando bem, encontram-se sempre tesouros, nos *nuraghes*! Quando eu estava em Roma, vi um lugar onde se conservam ainda as moedas de ouro e as vasilhas escondidas pelos antigos gigantes. Nas outras partes do mundo, ainda vivem os gigantes, e são tão ricos que usam arados e gadanhas de prata.

Ele falava com seriedade, os olhos resplandeciam-lhe de sonhos dourados; no entanto, se alguém lhe perguntasse o que tencionava fazer com os tesouros que esperava encontrar, talvez não soubesse dizê-lo. Naquele instante, só projectava fugir com Oli: no futuro não pensava senão como num sonho fantástico.

Por volta da Páscoa, a rapariga teve ocasião de ir até Nuoro e, procurando saber alguma coisa acerca da esposa de Anania, descobriu que era uma mulher de idade, mas não rica, e nem sequer abastada.

– Sim, é verdade – disse ele, logo que Oli lhe atirou à cara a sua mentira. – Sim... ela agora é pobre, mas quando a recebi era bastante rica. Depois do casamento, eu fui para o continente, adoeci e gastei muito; minha mulher adoeceu também. Ah, tu não sabes o que significa uma longa doença! Depois emprestámos dinheiro a uns sujeitos que nunca mais nos pagaram. E, além dis-

so, creio que minha mulher guarda o dinheiro num esconderijo. Pronto, juro-te que esta é a pura verdade!

Ele falava com seriedade, e Oli acreditava, porque precisava de acreditar e porque Anania habituara-a a julgar verdadeiras as histórias mais inverosímeis, sugestionado ele próprio pelas suas fantasias. Assim, nos primeiros dias de Junho, enquanto sachava na horta do patrão, encontrou um grosso anel de metal vermelho e julgou-o de ouro.

«Aqui deve haver um tesouro, com certeza», pensou. E foi logo contar a Oli as suas novas esperanças.

A Primavera reinava na lezíria agreste. O rio azulado reflectia as flores do sabugueiro, os narcisos exalavam voluptuosas fragrâncias; nas noites aclaradas pelo luar ou pela via-láctea, mor-nas e silenciosas, parecia que no ar ondeava um filtro inebriante.

Oli vagueava com os olhos velados de paixão. Nos longos crepúsculos luminosos e nas tardes deslumbrantes, quando as montanhas longínquas se confundiam com o céu, ela seguia com um olhar triste os irmãozinhos semi-nus, morenos como pequenos ídolos de bronze e, enquanto eles animavam a paisagem com os seus gritos de aves selvagens, ela pensava no dia em que teria de os abandonar, para partir com Anania.

Oli vira o anel encontrado pelo rapaz, e esperava, aguardava, com o sangue excitado pelos venenos da Primavera.

– Oli! – chamou a voz de Anania, atrás de uma moita.

Oli estremeceu, avançou cautelosamente e caiu nos braços do rapaz. Sentaram-se na erva ainda tépida, ao lado de um ramo de loureiro bravo, que exalava um forte perfume.

– Estive quase para não vir – disse o rapaz. – A patroa deve ter a criança esta noite, e a minha mulher, que a ajuda, queria que eu ficasse em casa. «Não», disse-lhe eu, «esta noite tenho que colher a almecegueira e o louro; não sabes que é noite de São João?». E vim.

Oli pegou no louro e perguntou para que servia.

– Então, não sabes? O louro colhido esta noite serve como remédio, e para muitas outras coisas. Por exemplo, se espalhares as suas folhas nos muros, em volta de uma vinha ou de um estábulo, as aves de rapina não poderão penetrar lá, nem roer as uvas, nem levar os cordeiros.



– Mas tu não és pastor.

– Mas terei de guardar a vinha do patrão. Depois hei-de pôr estas folhas também em volta da eira, para as formigas não roubarem o trigo. Tu vens quando eu malhar o trigo? Haverá muita gente; vamos fazer uma festa e à noite cantaremos.

– Oh, meu pai não me deixa ! – disse ela suspirando.

– Sabes que é esquisito, aquele homem? Vê-se bem que não conhece a minha mulher: está decrépita como as pedras – disse Anania, e procurava alguma coisa na camisa. – Onde a terei metido?

– O quê, a tua mulher? – perguntou Oli maliciosamente.

– Não, uma cruz! Encontrei também uma cruz de prata.

– Uma cruz de prata? Onde encontraste o anel? E não mo dizias?

– Ah! Aqui a tens. Sim, é de prata verdadeira.

E tirou do sobaco um pacotinho. Oli desembulhou-o, apalpando a pequena cruz, e perguntou, ansiosa:

– Então, sempre é verdade? Há um tesouro?

E parecia tão feliz, que Anania, embora tivesse encontrado a cruz no campo, deixou-a na ilusão.

– Sim, na horta. Quem sabe quantos objectos preciosos lá haverá! Mas será preciso eu procurar de noite.

– Em todo o caso, o tesouro pertence ao patrão.

– Não, pertence a quem o encontrar! – respondeu Anania; e, como que para dar mais valor a este seu principio, cingiu Oli com um braço e começou a beijá-la.

– Se eu encontrar o tesouro, tu vens? – perguntou-lhe, a tremer. – Vens? Diz-me, minha flor. Preciso encontrá-lo já, porque não posso viver longe de ti. Queres que te diga? Quando olho para minha mulher, tenho vontade de morrer, ao passo que ao pé de ti queria viver mil anos, minha flor!

Oli escutava e estremecia. Em volta havia profundo silêncio; as estrelas brilhavam, cada vez mais perladas, como olhos a sorrir de amor, e, cada vez mais doces, erravam pelo ar os perfumes das ervas aromáticas.

– A minha mulher morrerá brevemente, Oli, meu amorzinho! Ora, que hão-de fazer os velhos na terra? Quem sabe? Dentro de um ano, talvez, estaremos casados.

– São João o permita! – suspirou Oli. – Mas não devemos desejar a morte de ninguém. E agora deixa-me ir.

– Fica mais um instante! – suplicou ele com voz infantil. – Por que queres deixar-me tão cedo? Que farei eu sem ti?

Mas ela levantou-se, vibrante.

– Talvez nos tornemos a ver amanhã de manhã, porque virei colher as ervas antes de nascer o sol. Hei-de fazer-te um amuleto contra as tentações...

Mas ele não receava as tentações. Ajoelhou-se, envolveu Oli com ambos os braços e pôs-se a gemer:

– Não, não te vás embora, minha flor. Fica mais um pouco, Oli, meu cordeirinho. Tu és a minha vida. Olha, eu beijo a terra onde tu pões os pés, mas fica mais um pouco. Doutra forma, eu morro.

Só no Outono o tio Micheli percebeu que a filha tinha pecado. Uma ira feroz invadiu então o homem fraco e doente que conhecera todas as dores da vida, menos a desonra. Perante um desaforo daqueles, revoltou-se. Agarrou Oli por um braço e pô-la fora de casa.

Ela chorou, mas o tio Micheli foi inexorável. Prevenira-a mil vezes; e talvez perdoasse, se ela tivesse pecado com um homem livre; mas assim, não, não podia perdoar.

Durante alguns dias, Oli viveu num casebre em ruínas, em volta do qual Anania semeara o trigo. Os irmãozinhos traziam-lhe um pouco do pão, mas o tio Micheli deu por isso e bateu-lhes.

Então Oli, para não morrer de fome e de frio, pois o Outono começava a cobrir o céu com grandes nuvens lívidas e o vento húmido soprava através dos bosques avermelhados pelo gelo, dirigiu-se para Nuoro, a fim de pedir o auxílio do amante. Fosse por acaso ou não, a meio do caminho encontrou Anania, que a confortou, cobriu-a com o seu capote e levou-a até Fonni, aldeia da montanha, além de Mamojada.

– Não tenhas medo! – disse o rapaz. – Agora levo-te para casa de uma parenta minha, onde te darás muito bem. Descansa que eu não te abandonarei nunca.

Levou-a para casa de uma viúva que tinha um filhinho de quatro anos. Ao ver este menino trigueiro, esfarrapado, todo orelhas e olhos, Oli lembrou-se dos irmãos e chorou. Ah, quem trataria dos pobres orfãozinhos? Quem amassaria o pão, quem lavaria as roupas no rio azul? Enfim, Oli chorou, um dia e uma noite; depois olhou em volta de si, com olhos sombrios.

Anania partira; a viúva de Fonni, pálida e descarnada, com um rosto de espectro, rodeado por uma touca amarelada, fiava, sentada diante de uma fogueira: tudo em volta era miséria, trapos, fuligem. Do tecto de madeira, enegrecido pelo fumo, pendiam grandes teias de aranha; poucos móveis de madeira formavam o recheio da casa. O menino das enormes orelhas, já vestido com o traje regional, tendo na cabeça um grande boné de pele, não falava nem ria nunca. Divertia-se apenas a assar castanhas nas cinzas escaldantes.

– Tem paciência, filha! – disse a viúva à rapariga, sem levantar os olhos do fuso. – São coisas do mundo. Ainda hás-de ver pior, se viveres. Nascemos para sofrer. Eu também, quando era rapariga, ri, e depois chorei. Agora tudo acabou.

Oli sentia gelar-se-lhe o sangue. Ah, que tristeza, que tristeza imensa! Lá fora anoitecia, estava frio. O vento soprava com um fragor de mar agitado. Na claridade amarela do fogo, a viúva fiava e recordava; também Oli, acaçapada no chão, recordava a noite quente e voluptuosa de São João, o perfume do louro, a luz das estrelas que sorriam.

As castanhas do pequeno Zuanne estalavam entre as cinzas, que se espalhavam pela lareira. O vento batia com fúria contra a porta, como um monstro que corresse pela noite negra.

– Também eu – disse a viúva, depois de um longo silêncio, – também eu era de boa família. O pai deste fedelho chamava-se Zuanne. Bem vês, querida irmã, aos filhos devemos sempre dar o nome do pai para que com ele se pareçam. Ai, sim, era muito habilidoso o meu marido. Alto como um choupo, estás a ver? O seu capote ainda ali está, pendurado na parede.

A rapariga virou-se e, na parede cor de terra, viu um comprido capote de *orbace*<sup>5</sup> preto, entre cujas pregas as aranhas tinham tecido as suas teias poeirentas.

– Nunca lhe mexerei – continuou a viúva, – nem que estivesse a morrer de frio. Os meus filhos vesti-lo-ão, quando forem habilidosos como o pai.

– Mas que é que fazia o pai? – perguntou a rapariga.

– Digo-to já – respondeu a viúva, sem mudar o tom de voz, mas com o rosto espectral levemente animado, – era um bandido. Foi bandido durante dez anos, sim, dez anos. Teve de se tornar

---

<sup>5</sup> Tecido grosseiro, usado na Sardenha; espécie de saragoça. (*N. da T.*)

bandido poucos meses depois do nosso casamento. Eu ia visitá-lo aos montes do Gennargentu; ele caçava veados, águias, abutres, e, de cada vez que eu ia visitá-lo, fazia assar uma perna de veado. Dormíamos ao ar livre, ao vento, nos cumes das montanhas; mas cobriamo-nos com aquele capote, e as mãos do meu marido ardiam sempre, mesmo quando nevava. Muitas vezes estávamos acompanhados...

– Com quem? – perguntou Oli, que, ao escutar a velha, esquecia as suas mágoas.

Também o rapazinho escutava, apurando o ouvido. Com as suas grandes orelhas, parecia uma lebre, quando ouve o grito da raposa, ao longe.

– Ora, com quem havia de ser? Com outros bandidos. Eram todos homens capazes, desembaraçados, preparados para tudo e especialmente para a morte. Tu julgas que os bandidos são gente má? Estás enganada, irmã. Eles são homens que precisam de pôr em prática a sua habilidade, nada mais. O meu marido costumava dizer: «Em tempos passados, os homens iam para a guerra. Agora já não há guerras, mas os homens precisam ainda de combater, e fazem os assaltos, as rapinas, as *bardanas*<sup>6</sup>, não por maldade, mas para empregar de qualquer maneira a sua força e a sua habilidade».

– Bonita habilidade, tia Grathia! E então por que não batem com a cabeça contra um muro, se não têm mais nada que fazer?

– Tu não compreendes, filha – disse a viúva triste e digna. – É o destino que assim quer. Agora vou contar-te por que é que o meu marido *se fez* bandido.

Pronunciou estas últimas palavras com uma certa altivez, não falha de vaidade.

– Conte, sim – disse Oli, com um leve calafrio nos ombros.

A sombra adensava-se, o vento uivava cada vez mais forte, com um contínuo rumor de trovoada: parecia que estavam numa floresta, revolvida pelo furacão, e a figura cadavérica da viúva naquele ambiente negro, intermitentemente iluminado pela chama lívida do fogo mortício, dava à rapariga uma infantil volúpia de terror. Parecia-lhe assistir a uma das histórias pavorosas que Ana-

---

<sup>6</sup> *Bardana*, ou *gualdana*: em dialecto sardo, façanha de malfetores armados, para a qual se reuniam em grande número, indo, assim juntos, assaltar um estábulo, uma casa, roubar um rebanho, etc (*Nota da E. i.*)

nia costumava contar aos seus irmãos: e ela, ela própria, com a sua miséria infinita, fazia parte da triste narrativa.

A viúva contou:

– Estávamos casados havia poucos meses. Éramos abatados, minha irmã: tínhamos trigo, batatas, castanhas, uvas secas, terras, casas, cavalo e cão. O meu marido era proprietário. Muitas vezes não tinha em que se empregar e aborrecia-se. Então dizia: «Quero fazer-me comerciante. Assim, na ociosidade, não posso continuar, porque estou com saúde, forte, capaz, e, quando vivo na mândria, vêm-me os maus pensamentos». Não tínhamos, porém, capitais suficientes para ele poder dedicar-se ao comércio. Então um amigo propôs-lhe: «Zuane Atonzu, queres tomar parte numa *bardana*? Iremos em grande número, guiados por bandidos habilíssimos, e assaltaremos, num sítio muito longe daqui, a casa de um cavaleiro que tem três cofres cheios de prata e de moedas. Um homem daquela terra veio de propósito ao Capo di Sopra<sup>7</sup> para contar isto aos bandidos e convidá-los a fazer uma *bardana*. Ele próprio nos indicará o caminho. Há bosques para atravessar, montes para transpor, rios para vadear. Queres vir?». O meu marido transmitiu-me as palavras do amigo. «Ora», disse eu, «para que precisas tu das pratas do tal cavaleiro?». «Não, responde o meu marido, eu cuspo no garfo que me couber em partilhas, mas há bosques e montanhas para atravessar, coisas novas para ver, e hei-de divertir-me. Estou também com curiosidade de observar como os bandidos se sairão daquilo. Não acontecerá nada de mal, verás. Muitos outros rapazes irão, como eu, para dar prova da habilidade e para passar o tempo. Ora diz-me: não será pior se eu for para a taberna embebedar-me?»

A viúva continuou, enquanto torcia o fio com os dados descarnados e seguia com os olhos sombrios o movimento do fuso:

– Eu chorei, supliquei, mas ele partiu. Disse que ia para Cagliari, por causa de negócios... Partiu – repetiu a mulher, com um suspiro – e eu fiquei sozinha. Estava grávida. Depois soube como as coisas correram. O bando era composto por uns sessenta homens: viajavam em pequenos grupos, mas de vez em quando reuniam-se em lugares combinados, a fim de decidir o que tinham

---

<sup>7</sup> A região de Sassari. (*Nota da E. i.*)

a fazer. Servia de guia o homem da terra para onde se dirigiam. O capitão da *bardana* era o bandido Corteddu, um homem de olhos de fogo e com o peito coberto de pelos ruivos: um gigante Golias, forte como um trovão. Nos primeiros dias da viagem choveu, desencadearam-se tempestades, as torrentes transbordaram, um raio atingiu um dos bandidos. De noite avançavam à luz dos relâmpagos. Então, chegados a uma floresta próxima do Monte dos Sete Irmãos, o capitão reuniu os chefes da *bardana* e disse: «irmãos, os sinais do céu não nos são propícios. Isto tudo acabará mal. De mais a mais, sinto que estamos a ser atraíçoados. Penso que o guia é um espião. Façamos o seguinte; dissolvamos o bando. A *bardana* poderemos realizá-la noutra altura». Muitos apoiaram a proposta, mas Pilatu Barras, o salteador de Orani, que tinha um nariz de prata, por um tiro lhe haver levado o verdadeiro, levantou-se e disse: «Irmãos em Deus» – ele dizia sempre assim, – «irmãos em Deus, eu rejeito a proposta. Não. Se chove, não quer dizer que o céu não nos proteja. Pelo contrário, um pouco de dificuldade faz bem, habitua os jovens a vencer a moleza. Se o guia nos atraíçoar, matá-lo-emos. Para a frente, meus poldros!». O Corteddu abanou a cabeça de leão, enquanto um outro bandido murmurava com desprezo: «Bem se vê que este homem não pode farejar!». Então o Pilatu Barras gritou: «Irmãos em Deus, os cães é que farejam, não os cristãos! O meu nariz é de prata e o vosso é de osso de cadáver. Pois bem, aqui está o que eu lhes digo: se nós dissolvermos agora o bando, será um feio exemplo de cobardia. Lembrem-se de que entre nós há jovens com as suas primeiras armas. Eles não pedem senão que os deixemos mostrar a sua habilidade, como se desdobra uma bandeira nova. Se, pelo contrário, agora os mandamos embora, dar-lhes-emos um exemplo de cobardia e eles voltarão para os seus lares, ficarão ociosos e nunca mais serão capazes de fazer coisa alguma. Para a frente, meus poldros!». Então, outros chefes concordaram com o Pilatu Barras e o bando seguiu em frente. O Corteddu tinha razão: o guia andava a atraíçoá-los. No interior da casa do tal ricaço, estavam escondidos os soldados. Combateu-se, e muitos dos assaltantes ficaram feridos, outros foram identificados, um foi morto. Para que o não conhecessem, os companheiros despiram-no e cortaram-lhe a cabeça, que, juntamente com as roupas, levaram e enterraram depois na floresta. O meu marido foi identificado e, portanto, viu-se na necessidade de se fazer bandido... Eu tive um desmancho.

Enquanto falava, a mulher parara de fiar e estendera para o lume as mãos. A rapariga estremecia de frio, terror e prazer. Como a narração da viúva era linda e terrível! Ah! E ela, que sempre julgara os bandidos gente perversa! Não, eram pobres infelizes, empurrados para o mal pela fatalidade, como ela própria, Oli, o fora.

– Agora, vamos jantar – disse a mulher, voltando a si.

Levantou-se, acendeu uma antiga candeia de ferro negro e preparou o jantar: batatas, sempre batatas. Havia dois dias que a rapariga não comia outra coisa, a não ser batatas, e uma ou outra castanha.

– O Anania é seu parente? – perguntou, depois de um longo silêncio, enquanto jantavam.

– É, sim. O meu marido era parente de Anania, mas em último grau, porque ele também não nasceu aqui. Os seus antepassados eram de Orgosolo. Mas o Anania não se parece nada com o meu pobre marido. – respondeu a mulher, abanando a cabeça com desprezo – Ah, minha querida irmã, o meu marido preferiria enforcar-se a cometer uma acção vil como a de Anania.

Oli desatou a chorar. Forçou o pequeno Zuanne a inclinar a cabeça nos joelhos, apertou uma das suas mãozitas sujas e rijas, e pensou nos irmãos abandonados.

– Devem sentir-se como os passsarinhos nus no ninho, quando a mãe, ferida pelo caçador, não regressa ao pé deles. Quem lhes dará de comer? Quem lhes servirá de mãe? Calcule que o último, o mais pequenino, ainda não sabe vestir-se nem despir-se.

– Pode dormir vestido! – respondeu a viúva, para a confortar – Por que choras, minha parva? Devias ter pensado nisso antes. Agora, já é inútil. Tem paciência. Deus Nosso Senhor não abandona os pássaros no ninho.

– Que ventania! Que ventania! – lamentou-se a rapariga. – Vossemecê acredita nos mortos?

– Eu? – retorquiu a viúva, apagando a candeia e retornando o fuso. – Eu não acredito nem nos mortos nem nos vivos...

Zuanne levantou a cabeça, e disse muito baixinho:

– *Eu tim!* – e escondeu novamente a cara no colo de Oli.

A viúva retomou a sua narrativa:

– Eu depois tive outro filho, que anda agora nos oito anos

e já está como criado num estábulo. Depois tive este. Ah, somos muito pobres agora, minha irmã! O meu marido não era um ladrão, não; vivia do que tinha de seu, e portanto tivemos de vender tudo, menos esta casa.

– Como morreu? – perguntou a rapariga, acariciando o menino, que parecia adormecido.

– Então, como havia de morrer? Numa *bardana*. Nunca estive na prisão – observou com orgulho a viúva, – embora a justiça o procurasse como o caçador procura o javali. Ele, porém, escapava habilmente a todas as ciladas e, enquanto a justiça o procurava pelas serras, passava a noite aqui, sim, mesmo aqui, diante desta lareira, onde tu estás sentada...

O rapazinho levantou a cabeça, com as grandes orelhas rapidamente despertas, e depois tornou a baixá-la no colo da Oli.

– Sim, mesmo aí. Uma vez, há dois anos, soube que uma patrulha devia percorrer a montanha à cata dele. Então mandou-me dizer: «Enquanto os dragões me procurarem, eu tomarei parte numa *bardana*. À volta, passarei a noite em casa. Mulherzinha, espera por mim». Eu esperei, três, quatro noites; fiei uma meada de lã preta, até ao fim.

– Para onde tinha ido?

– Não to disse já? Para uma *impresa*, uma *bardana*! – exclamou a mulher com certa impaciência; depois tornou a baixar a voz: – Eu esperei quatro noites, mas sentia-me triste. Cada passo na rua fazia-me bater o coração; e as noites passavam, o meu coração mirrava, tornava-se pequeno como uma amêndoa. Na quarta noite, ouvi bater à porta e fui abrir. «Mulher, não esperes mais!», disse-me um homem mascarado. E entregou-me o capote do meu marido. Ah!

A viúva deu um suspiro que pareceu um grito; depois calou-se. Oli fitou-a longamente, mas de súbito o seu olhar seguiu o olhar aterrado de Zuanne. As mãozinhas do pequeno, duras e escuras como as patas duma ave, agitavam-se e indicavam a parede.

– Que tens? Que estás a ver?

– Um *môto*... – ciciou ele.

– Qual morto!... – disse ela a rir, e sentiu-se repentinamente alegre.

Mas quando se viu na cama, sozinha, numa espécie de sótão cinzento e frio, sobre cujo telhado o vento uivava ainda mais ruidoso, batendo e abanando as tábuas, ela tornou a pensar



nas histórias da viúva, no homem mascarado que dissera: «Mulher, não esperes mais!», no comprido capote preto, no pequeno Zuanne que via os mortos, nos passarinhos implumes no ninho abandonado, nos seus pobres irmãos, nos tesouros de Anania, na noite de São João, na mãe que morrera; e teve medo e sentiu-se triste, tão triste que, embora se julgasse condenada ao Inferno, desejou morrer.



## II



O FILHO DE OLI NASCEU EM FONNI, no começo da Primavera. Por alvitre da viúva do bandido, que serviu de madrinha, foi-lhe dado o nome de Anania. Passou em Fonni a sua infância e sempre recordou com saudade aquela terra curiosa, acorada sobre o monte como um abutre em descanso. Durante o longo Inverno, tudo era neve e nevoeiro; mas na Primavera a erva invadia até os íngremes caminhos da aldeia, lageados com grandes pedras, onde os escaravelhos adormeciam placidamente ao sol e as formigas saíam e entravam nos seus buracos e andavam em volta deles sem que ninguém as incomodasse. O casario de pedra parda, com os telhados de *scandule*<sup>8</sup> sobrepostas como escamas de peixe, abria para as ruelas as portas negras, os balcões de madeira carcomida, as escadinhas, por vezes engrialdadas de videiras. A pitoresca torre da Basílica dos Mártires, surgindo entre o verde dos carvalhos do velho claustro do convento, avultava no meio da povoação, lindo quadro desenhado no céu de cristal azulíneo.

Um horizonte fantástico circunda a aldeia: as altas montanhas do Gennargentu, de cumes luminosos, como que recordadas em prata, dominam os grandes vales de Barbagia, que sobem como uma imensa concha cinzenta e verde até as cristas

---

<sup>8</sup> Grandes fasquias de madeira. (*N. da T.*)

onde Fonni, com as suas casas de alvenaria e as suas vielas empedradas, desafia o vento e os relâmpagos.

No Inverno, a aldeia ficava quase deserta, porque os numerosos pastores nómadas que a povoavam (homens fortes como o vento e astuciosos como a raposa) desciam com os rebanhos às tépidas planícies meridionais; mas, durante a estação calma, um curioso vai-vem de cavalos, de cães, de pastores novos e velhos, animava as pequenas ruas.

Também Zuanne, o filho da viúva, com onze anos, já era zagal. Durante o dia levava a pastar, pelos arredores selvagens da aldeia, um rebanho de cabras pertencentes a diferentes famílias da terreola. De madrugada passava assobiando pelas estradas, e as cabras, que lhe conheciam o silvo, saíam das casas e seguiam-no mansamente. Ao anoitecer, tornava a conduzi-las até a entrada do povoado; e dali dirigiam-se, sozinhos, às casas dos seus donos os espertos animaizinhos.

O pequenino Anania acompanhava quase todos os dias o seu amigo Zuanne, de grandes orelhas, ambos sempre descalços, com polainas e casaco de *orbace*, longas e sujas calças de grosseiro tecido, boné de pele de carneiro. Anania tinha sempre os olhos doentes e ramelosos; pelo seu narizinho vermelho corria continuamente um humor salgado, que ele não hesitava em lambar ou espalhar com a mãozita suja pelos dois lados do nariz, formando assim bigodes de crosta de uma matéria indefinível.

Enquanto as cabras pastavam nos arredores montanhosos da aldeia, entre moitas aromáticas e rochas verdes de madressilva, os dois garotos vagueavam, desciam até a estrada para atirar pedrinhas a quem passava, penetravam nas plantações de batatas, onde trabalhavam mulheres laboriosas, e procuravam na sombra húmida das nogueiras gigantescas um ou outro fruto lançado ao chão pelo vento. Zuanne era alto e ágil, Anania mais forte e atrevido. Ambos mentirosos como poucos e agitados por fantasias bárbaras, Zuanne falava sem descanso no pai, louvando-o e propondo-se seguir-lhe as pisadas e vingar-lhe a memória; e Anania ambicionava chegar um dia a ser soldado.

– Hei-de te prender – dizia, tranquilamente. E Zuanne respondia com convicção:

– E eu mato-te.

Brincavam muitas vezes *aos bandidos*, armados com espingardas de canas. Sem dúvida, tinham um ambiente apropria-

do, e Anania nunca conseguia descobrir o esconderijo do bandido, apesar de Zuanne, da moita onde se abrigava, imitar o grito do cuco. Um cuco autêntico respondia de longe, e muitas vezes as duas crianças, esquecidos os propósitos ferozes, iam à procura do melancólico pássaro, busca não menos infrutífera do que a do bandido. Quando lhes parecia que se encontravam perto do ninho misterioso, o grito da ave ecoava mais longe, muito mais longe ainda. Então os dois irmãozinhos de desventura, afundados na erva ou deitados no musgo das rochas, contentavam-se com interrogar o cuco.

Zuanne era modesto; perguntava somente:

*Cucco bellu agreste – Narami itte ora est.*<sup>9</sup>

E o pássaro respondia com sete gritos, quando podiam ser já dez horas. Apesar disso, Anania atirava as suas audaciosas consultas:

*Cucco bellu 'e mare – Cantos annos bi cheret a m'isposare?*<sup>10</sup>

O cuco cantava quatro vezes.

– Quatro anos, c'os diabos! Casas cedo! – motejava Zuanne.

– Cala-te. Ele não deve ter ouvido bem.

*Cucco bellu 'e lizu – Cantos annos bi cheret a fagher fizu?*<sup>11</sup>

Às vezes o cuco emitia um número razoável, e as duas crianças, no silêncio imenso do lugar, interrompido somente pela voz do melancólico oráculo, continuavam as perguntas, nem sempre alegres:

*Cucco bellu 'e sorre – Cantos annos bi cheret a mi morrer?*<sup>12</sup>

Uma vez Anania dirigiu-se sozinho à montanha, e subiu, subiu pela estrada branca, através dos silvados e dos maciços de

---

<sup>9</sup> Cuco lindo e agreste, diz-me que horas são. (*N. da T.*)

<sup>10</sup> Cuco lindo do mar, quantos anos faltam para eu casar? (*N. da T.*)

<sup>11</sup> Cuco lindo do mar, quantos anos faltam para eu ter um filho? (*N. da T.*)

<sup>12</sup> Cuco lindo da minha irmã, quantos anos faltam para eu morrer? (*N. da T.*)

granito, pelas encostas cobertas de florinhas roxas de *serpillo*, até que lhe pareceu ter chegado a um cume altíssimo. O sol desaparecera, mas atrás das montanhas azuladas do horizonte dir-se-ia arderem grandes fogueiras, projectando para o alto, no céu todo rubro, uma luz ardente. Anania teve medo daquele céu em fogo, do altitude a que chegara, do silêncio terrível que o circundava. Começou a pensar no pai de Zuanne, e olhou em volta de si com terror: ah, embora ambicionasse a carreira das armas, tinha medo dos bandidos – ao passo que Zuanne ansiava por *vê-los*, – e o comprido capote preto na parede mascarrada causava-lhe um verdadeiro pavor. Desceu quase rebolando do cume donde vira o céu todo rubro e os montes azuis, e a Zuanne, que o chamava aos gritos, contou que fora lá ao alto e que *os vira*. O filho da viúva, muito irritado de começo, comoveu-se e fitou Anania com respeito. Depois ambos regressaram à aldeia, pensativos e calados, seguidos pelas cabras cujos chocalhos ressoavam tristemente no silêncio do crepúsculo.

Quando não acompanhava Zuanne, Anania passava o dia no grande adro da igreja dos Mártires, com os filhos do fabricante de velas, cuja oficina era um quartinho encostado à igreja. Grandes árvores espalhavam a sua sombra pelo adro melancólico, circundado por alpendres em ruína: uma escadaria de pedra levava à igreja, em cuja fachada, muito simples, estava pintada uma cruz. Nesta escadaria, Anania e os filhos do fabricante de velas passavam horas sem conta, ao sol apenas tépido, brincando com umas pedrinhas, ou fabricando pequeninos círios de lama. Nas janelas do antigo convento debruçava-se por vezes um carabineiro aborrecido. No interior das celas entreviam-se botas e casacos militares e ouvia-se uma voz cantar em falsete, com sotaque napolitano:

*A te questo rosário...*<sup>13</sup>

Um ou outro frade – dos últimos que ficaram no húmido e decadente lugar – esfarrapado, sujo, com as sandálias rotas, passeava pelo quintal, rezando em dialecto: não era raro que o carabineiro pela janela e o frade na escada se entretivessem em

<sup>13</sup> Referência a uma ária do primeiro acto de *La Gioconda* (1876), ópera em quatro actos de Amilcare Ponchielli e com libreto de Arrigo Boito, muito popular na época. A história é ambientada na Veneza do século XVII e gira em torno do amor não correspondido da protagonista Gioconda por Enzo, um príncipe banido da cidade que regressa de modo incógnito. (*N. dos E.*)